

Gabriela Cristina Borborema Bozzo  
(Organizadora)

# LETRAS, política & sociedade



Gabriela Cristina Borborema Bozzo  
(Organizadora)

# LETRAS, política & sociedade



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadora:** Gabriela Cristina Borborema Bozzo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

L649 Letras, política & sociedade / Organizadora Gabriela Cristina Borborema Bozzo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0033-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.332223103>

1. Letras. 2. Política. 3. Sociedade. I. Bozzo, Gabriela Cristina Borborema (Organizadora). II. Título.

CDD 401

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

O livro *Letras, política & sociedade* apresenta, em seus treze capítulos, trabalhos diversos correlacionados ao tema que o volume se propõe a tratar, entrelaçando, de fato, as letras, a sociedade e a política. Tendo em vista que não há letras sem sociedade e não há sociedade sem política, o tema é muito bem cortejado pelos treze artigos que o atravessam.

Desse modo, temos trabalhos que possuem, como *corpus*, obras de Louvet de Couvray, Martins Pena, Pero Vaz de Caminha, Jorge de Souza Araújo, Mia Couto, José de Alencar, Gilberto Gil, E. E. Cummings, John Bunyan e Valêncio Xavier, cortejando seu objeto de estudo com diferentes possibilidades metodológicas, construindo um abrangente horizonte de abordagens literárias, musicais e históricas.

Há, ainda, trabalhos que contemplem manchetes do jornal G1, letramento de imigrantes e refugiados, declaração de Jair Bolsonaro à nação brasileira, o trabalho do crítico Roland Barthes e a mudança de apresentação de um partido político brasileiro. Como pode ser observado, há um rico leque de possibilidades de verificação desse vasto *corpus* no campo da linguística, bem como político e social.

Portanto, o volume em questão corrobora para o enriquecimento não só do campo da literatura e da linguística, mas também no que tange à política e à sociologia, contribuindo para com as Ciências Humanas e possibilitando novos conhecimentos para graduandos, graduados, pós-graduandos e pós-graduados e a todos que se interessarem por diversas correntes metodológicas a atravessarem o horizonte das humanidades.

Gabriela Cristina Borborema Bozzo




## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO ..... 11**

DIZER O INDIZÍVEL: REFLEXÕES SOBRE O CONTEXTO HISTÓRICO, LITERÁRIO E SOCIAL EM “BECOS DO HOMEM”

Adriane Ester Hoffmann

Rita de Cássia Dias Verdi Fumagalli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231031>

### **CAPÍTULO 2..... 16**

GUERRA CIVIL, SONHOS E ANCESTRALIDADES NA LITERATURA MOÇAMBICANA: DECIFRANDO A “TERRA SONÂMBULA” DE MIA COUTO


Diego Romerito Braga Barbosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231032>

### **CAPÍTULO 3..... 27**

CARTAS ENTRE AMIGOS: UM RELATO LITERÁRIO

Juliana de Lima Laperla Batista


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231033>

### **CAPÍTULO 4..... 33**

JOSÉ DE ALENCAR: O POLÍTICO NATO

Juliana de Lima Laperla Batista

Valéria Caraça Camargo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231034>

### **CAPÍTULO 5..... 39**

REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DO LOCUTOR NA DECLARAÇÃO À NAÇÃO DO PRESIDENTE BOLSONARO (09/09/2021)

Neire Ferreira Yamamoto

Maria Eliete de Queiroz


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231035>

### **CAPÍTULO 6..... 52**

UMA ANÁLISE SEMIÓTICA PEIRCIANA DA MUDANÇA DE PMDB A MDB, OU DAS “MUDANÇAS” POLÍTICAS NO BRASIL

Diego Rodrigo Ferraz


Rainne Fogaça da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231036>

### **CAPÍTULO 7..... 62**

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DA ORALIDADE NO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE ACOLHIMENTO PARA IMIGRANTES E REFUGIADOS NÃO ALFABETIZADOS

Umberto Euzebio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231037>

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>75</b>
<i>PANIS ET CIRCENSE: DECOLONIALIDADE E EPISTEMOLOGIA AFRO-DIASPÓRICA EM GILBERTO GIL</i>	
Angélica Maria Schimitz da Silveira	
Camila Gabriela Pollnow	
Edelu Kawahala	
Lucas da Silva Sampaio	
Rodrigo Díaz de Vivar y Soler	
Thomas Teixeira Fidryszewski	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231038">https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231038</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>87</b>
INTERDIÇÃO E NÃO DITO EM DUAS ‘MANCHETES’ DO <i>G1</i>	
Diego Rodrigo Ferraz	
Raíne Fogaça da Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231039">https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231039</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>94</b>
ATRAVESSANDO FRONTEIRAS: O TRAVESTISMO COMO DENÚNCIA SOCIAL EM LOUVET DE COUVRAY E MARTINS PENA	
Cristina Reis Maia	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310310">https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310310</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>105</b>
ROLAND BARTHES: ENTRE O EXERCÍCIO CRÍTICO E A LITERATURA, ENTRE A FIGURA E O PERSONAGEM	
Winnie Wouters	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310311">https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310311</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>122</b>
NARRAÇÃO E MONTAGEM EM <i>O MEZ DA GRIPPE</i>	
Damásio Marques	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310312">https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310312</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>140</b>
<i>THE ENORMOUS ROOM</i> E <i>THE PILGRIM’S PROGRESS</i> : PEREGRINAÇÃO EM BUSCA DA LIBERDADE	
Laura Moreira Teixeira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310313">https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310313</a>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>154</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>155</b>

# CAPÍTULO 2

## GUERRA CIVIL, SONHOS E ANCESTRALIDADES NA LITERATURA MOÇAMBICANA: DECIFRANDO A “TERRA SONÂMBULA” DE MIA COUTO

Data de aceite: 01/03/2022

**Diego Romerito Braga Barbosa**

Graduado em História e Mestre em Ensino na Educação Básica pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) Vitória, ES  
<http://lattes.cnpq.br/8542047445201149>  
<https://orcid.org/0000-0002-1887-4449>

**RESUMO:** Por via da interdisciplinaridade entre História e Literatura, analisa o romance *Terra Sonâmbula*, de autoria do escritor moçambicano Mia Couto, em sua potencialidade documental historiográfica, buscando argumentos nos recentes estudos desenvolvidos sobre a literatura produzida nos países africanos de língua portuguesa, entre o período de surgimento dos movimentos protonacionalistas e anticolonialistas no pós Segunda Guerra Mundial até o final do século XX, no qual se destacam sucessivos conflitos bélicos internos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Guerra civil moçambicana; Mia Couto; Terra Sonâmbula (romance).

### CIVIL WAR, DREAMS AND ANCESTRALITIES IN MOZAMBICAN LITERATURE: DECIPHERING MIA COUTO'S "SLEEPWALKING LAND"

**ABSTRACT:** Through the interdisciplinarity between History and Literature, it analyzes the novel *Sleepwalking Land*, by the mozambican writer Mia Couto, in its historiographical

documentary potential, seeking arguments in recent studies developed about the literature produced in Portuguese-speaking African countries, between the period of emergence of protonationalist and anticolonial movements after World War II until the end of the 20th century, in which successive internal war conflicts stand out.

**KEYWORDS:** Mozambican civil war; Mia Couto; Sleepwalking Land (novel).

### INTRODUÇÃO

As literaturas ficcionais produzidas por autores africanos na atualidade constituem poderosos documentos históricos a respeito dos processos colonialistas neste continente e de muitas infelicidades decorrentes do processo exploratório, no qual as nações imperialistas da Europa civilizada repartiram África no intuito de possibilitar e facilitar a expansão do capitalismo industrial a partir da segunda metade do século XIX.

Seja pelo desacordo entre as nações imperialistas industrializadas ou pela persistência lusitana, a manutenção dos territórios coloniais portugueses no contexto neocolonial dos séculos XIX e XX, resultou na existência de diversos estados modernos e outros territórios cujos nativos são falantes de língua portuguesa ou de variantes lusófonas internacionalmente reconhecidas:

A língua ocupa oficialmente 10,7 milhões de km<sup>2</sup>, está presente na América, África, Europa e Ásia – nesta ordem em termos demolinguísticos – e tem de 221 a 245 milhões de falantes como primeira ou como segunda língua em variados graus de proficiência, número que cresce em velocidade moderada, com grandes variações entre os continentes: crescimento baixo na Europa e na Ásia, médio na América do Sul e grande na África Meridional, hoje já está o maior polo de crescimento vegetativo do idioma e que chegará a 2060, pelas previsões atuais, a 90 milhões de falantes de português, entre Angola e Moçambique (OLIVEIRA, 2013, p. 441).

No interior dessa comunidade linguística, as trocas culturais e literárias tomaram maiores dimensões nas últimas quatro décadas, durante os conflitos anticolonialistas e os movimentos de afirmação das culturas nacionais nos países africanos de língua portuguesa. O Brasil forneceu, então, muitas referências simbólicas para esses países por via da música, do futebol e da literatura, como afirma Mia Couto: “Descobríamos essa nação num momento histórico em que nos faltava ser nação. O Brasil – tão cheio da nossa língua e da nossa religiosidade – nos entregava essa margem que nos faltava para sermos rio” (COUTO, 2011, p. 65).

Todavia, tal relação não parece ser unilateral, pois à medida que a produção literária luso africana chega ao Brasil, de maneira contínua e crescente desde a década de 1960, na fruição de sua leitura que tomamos contato com uma ancestralidade que desconhecíamos, ou julgávamos desconhecer. No ambiente diegético da prosa luso africana que tomamos contato com o colonialismo, e com o reconhecer-se fruto de um processo colonial cujas estruturas sociais, econômicas e raciais de dominação seguem configurando a sociedade brasileira até a atualidade, como afirmou Laura Cavalcante Padilha em sua introdução ao estudo da ancestralidade na literatura angolana:

“É deste lugar, Brasil, e deste tempo, fim do século XX e início, já agora, do XXI, que procuro ver a ficção angolana, o seu trajeto para a independência, a reafirmação de sua diferença, enfim, a sua luta contra as armadilhas do discurso do colonizador que se caracteriza por ser um discurso de achatamento e, quase sempre, de uma profunda intransigência cultural.” (PADILHA, 2007, p. 19).

Conhecer as vozes que compõem o discurso emancipador nos desperta a vontade de compreendê-lo, muito mais do que explicá-lo, e esse é o objetivo deste trabalho. Ao nos debruçarmos sobre o romance *Terra Sonâmbula* do escritor moçambicano Mia Couto, publicado em Lisboa em 1992, ano em que tem fim o conflito armado interno iniciado 1976, seguimos desejosos de compreender os diversos elementos que compõe uma literatura que apresenta um país no qual “[...] pelas bermas apodrecem carros incendiados, restos de pilhagens. Na savana em volta, apenas os embondeiros contemplam o mundo a desflorir.” (COUTO, 2007, p. 09). A guerra e os conflitos sociais, culturais e políticos ganham espaço nessa ficção “e se vão transformando em páginas da terra” (COUTO, 2007, p. 204), dando-nos acesso a essa realidade.

Localizar a obra *Terra Sonâmbula* de Mia Couto em seu ambiente de produção nos remete à problemática exposta por Deleuze-Guattari de ingressar na obra do consagrado escritor judeu-tcheco Franz Kafka: “Como entrar na obra de Kafka? Trata-se de um rizoma, de uma toca [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 07). O caminho traçado pelos autores para a compreensão de Kafka nos leva a um conceito que muitos estudiosos da literatura africana visitam, mesmo que de passagem: a *literatura menor*. Tal literatura seria a que uma minoria produz em uma língua maior e que se caracterizaria, primeiramente, por uma forte desterritorialização linguística, cuja condição da escrita é explicitada pelos autores:

[...] Impossibilidade de não escrever, porque a consciência nacional, incerta ou oprimida, passa necessariamente pela literatura [...]. A impossibilidade de escrever de outra maneira que não em alemão é para os judeus de Praga o sentimento de uma distancia irreduzível em relação a uma territorialidade primitiva, a tcheca. E a impossibilidade de escrever em alemão é a desterritorialização da própria população alemã, minoria opressiva, que fala uma língua afastada das massas [...] (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 25).

O lugar da língua portuguesa para o escritor africano é uma problemática que remete a meados do século XX, quando surgem os primeiros movimentos literários nacionalistas, cuja afirmação da identidade nacional passa pela valorização das culturas tradicionais que o processo colonial caracterizava como “não cultura”. Tais movimentos literários fizeram contraponto com uma literatura realizada anteriormente, que seguia o padrão estético do português convertido em uma literatura que valorizava as características exóticas locais.

A ruptura evidencia “a capacidade de produzir obras de primeira ordem, influenciadas, não por modelos estrangeiros, mas por exemplos nacionais anteriores” (CANDIDO, 1987, *apud* PADILHA, 2007, p. 20). Laura de Cavalcante Padilha, ao tratar do processo de formação da identidade literária angolana afirma:

[...] É nesse momento que se firmam as bases do estrangeirismo dessa literatura, como bem assinala Pires Laranjeira, ao mostrar que, ao libertar-se “do seu significado de fetiche turístico e cartaz ilusoriamente localista”, a literatura angolana resgata a especificidade de sua diferença: “pela mistura plurilinguística, pelo preenchimento mnemônico dos espaços imaginários e oníricos dos leitores desapropriados de *ser* e de *pátria*” [...] (PADILHA, 2007, p. 20).

A ruptura das barreiras linguísticas também é evocada por Mia Couto em um de seus ensaios:

O que advogo é um homem plural, munido de um idioma plural. Ao lado de uma língua que nos faça ser mundo, deve coexistir uma outra que nos faça sair do mundo. De um lado, um idioma que nos crie raiz e lugar. Do outro, um idioma que nos faça ser asa e viagem (COUTO, 2011, p. 24).

Essa pluralidade idiomática proposta por Mia Couto seria a superação das agressões sofridas pelos processos coloniais das quais fala Albert Memmi:

No conflito linguístico que habita o colonizado, sua língua materna é

humilhada, esmagada. E esse desprezo, objetivamente fundado, acaba por impor-se ao colonizado. De modo próprio, põe-se a afastar essa língua enferma, a escondê-la dos olhos dos estrangeiros e não parecer à vontade senão com a língua do colonizador. Em resumo, o bilinguismo colonial não é nem uma *diglossia*, onde coexiste, um idioma popular e uma língua purista, pertencentes ambos ao mesmo universo afetivo, nem uma simples riqueza poliglota, que se beneficia de um teclado suplementar porém relativamente neutro; é um *drama linguístico*." (1977, p. 97).

A mimetização intencional do português metropolitano às línguas originárias africanas, sobretudo como faziam os escritores africanos nos anos de libertação, consistia também em uma postura de rebeldia e de “transgressão organizada”, como propõe Jurema de Oliveira:

Na literatura, a possibilidade de transgredir está ligada à ruptura dos padrões linguísticos consagrados e sacralizados pela norma culta e pela norma dos valores canônicos e tradicionais estabelecidos por gerações de teóricos de épocas passadas, ou melhor, anteriores à geração dos escritores. Estes, tendo em mente os movimentos sociais em constante transformação, optam por retratar ficcionalmente um cotidiano de transgressões diversificadas (OLIVEIRA, 2006, p. 55).

Tais perspectivas complementam as características que Gilles Deleuze e Félix Guattari enumeram às *literaturas menores*, que seria o fator político a dimensionar a vida de cada personagem, sendo que cada personagem ganha também dimensão política. A terceira característica seria o valor coletivo do discurso. Em uma literatura menor, “[...] é a literatura que se encontra encarregada positivamente desse papel e dessa função de enunciação coletiva, e mesmo revolucionária; é a literatura que produz uma solidariedade ativa, apesar do ceticismo [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 27).

Encontraremos tais elementos de maneira mais explícita, observando atentamente o texto que nos propomos analisar e que estão presentes na fala do próprio Mia Couto: “Esse percurso de guerras e dramas fez-se de materiais humanos sublimes de histórias individuais e coletivas profundamente inspiradoras. São essas vozes que disputam rosto e eco nas páginas dos meus livros” (Jornal de Letras, 2007, *apud* FONSECA; CURY, 2008, p. 14).

“Terra Sonâmbula” estrutura-se em torno da jornada de Tuahir e Muidinga, que é contada ao leitor por um narrador onisciente externo e cujos capítulos funcionam como pequenos contos, em que cada episódio outras personagens surgem ou situações inusitadas ocorrem, tangenciando as “características do romance de formação” (FONSECA; CURY, 2008, p. 30).

O destino do garoto Muidinga e do velho Tuahir é incerto, fogem de um campo de deslocados por insistência de Muidinga, que deseja encontrar seus pais e redescobrir seu passado, uma vez que perdeu toda a memória em decorrência de uma doença que quase o levou à morte. Ao avistar um ônibus/ autocarro/ machimbombo queimado, repleto

de cadáveres igualmente carbonizados, vítimas de algum bando armado, Tuahir sugere tomarem o ônibus por moradia: “Os bandos se vierem, nós fingimos que estamos mortos. Faz conta falecemos junto com o machimbombo” (COUTO, 2007, p. 11).

A jornada de Muidinga é um caminho da morte para a vida no contexto da guerra, onde o aprendizado será uma constante, por meio dos conselhos de seu tutor, o velho Tuahir e pelas personagens que eles cruzam cada vez que a terra caminha sob a estrada morta:

À volta do machimbombo Muidinga quase já não reconhece nada. A paisagem prossegue suas infatigáveis mudanças. Será que a terra, ela sozinha, deambula em errâncias? De uma coisa Muidinga está certo: não é o arruinado autocarro que se desloca. Outra certeza ele tem: nem sempre a estrada se movimenta. Apenas de cada vez que ele lê os cadernos de Kindzu. No dia seguinte à leitura, seus olhos desembocam em outras visões.” (COUTO, 2007, p. 99).

A cada capítulo do livro segue-se um subcapítulo que consiste nos Cadernos de Kindzu, que são relatos confessionais, narrados em primeira pessoa e que contam a trajetória de Kindzu, desde seu mundo familiar nos tempos da Independência, a desestruturação de sua aldeia e de sua família com o avanço da guerra civil e sua jornada épica pelo país em guerra com o intuito de tornar-se um *naparama*, guerreiro sagrado tradicional, que poria fim à guerra.

A relação de Muidinga com os cadernos de Kindzu é o fio de condução da história. Os cadernos “gatafunhados com letras incertas” encontrados na mala do jovem morto a tiros encontrado ao lado do ônibus queimado é que permitem a Muidinga sua primeira e mais importante autodescoberta: a de que era capaz de ler. “[...] Ler era coisa que ele apenas agora se recordava saber. O velho Tuahir, ignorante das letras, não lhe despertara a faculdade da leitura” (COUTO, 2007, p. 13).

Muidinga, que só havia conhecido uma terra onde “[...] o céu se tornara impossível. E os vivos se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem de morte [...]” (COUTO, 2007, p. 09) pode regressar alguns anos antes e através da narração de Kindzu conhecer um mundo que não mais existia, assim como acompanhar todas as “esperas e sofrências” de seu interlocutor onírico. A cada caderno, Kindzu ensinava Muidinga o ato de sonhar e este, por meio do ato ancestral da contação, reensinava ao velho Tuahir. Isso que resultava no deslocamento da paisagem, sem que eles saíssem do lugar, além de ser essa a função maior dos escritos de Kindzu, como fica explícito em seu diálogo com o fantasma de seu pai, aprender a sonhar durante a guerra:

- O que aprendeste debaixo da casca desse mundo?
- Eu quero voltar; estou cansado. Eu agora sei quem és, me ajude a voltar...
- O que andas a fazer com um caderno, escreves o quê?
- Nem sei, pai. Escrevo conforme vou sonhando.

- E alguém vai ler isso?
- Talvez.
- É bom assim: ensinar alguém a sonhar.
- Mas pai, o que passa com esta nossa terra?
- Você não sabe, filho. Mas enquanto os homens dormem, a terra anda procurar. (...) É que a vida não gosta de sofrer. A terra anda procurar dentro de cada uma pessoa, anda juntar os sonhos. Sim, faz de conta ela é uma costureira dos sonhos. (COUTO, 2007, p. 182).

As presenças de elementos oníricos, surreais, fantásticos e místicos estão presentes a todo o momento da obra de Mia Couto: o fantasma do velho Taímo, que persegue o filho Kindzu; o fantasma do português Romão Pinto, que retorna para retomar os negócios financeiros; as mortes extraordinárias do “fazedor de rios”, Nhamataca, e do “semeador de pessoas”, Siqueleto; a aparição do anão tchóti, além de inúmeras outras aparições, transes e transmutações que permeiam as narrativas de *Terra Sonâmbula*.

A relação com o fantástico na literatura de Couto está diretamente conectada com a mitologia ancestral e popular, e que remetem ato de tradicional da contação de história, compondo uma “fala ficcional *griotizada e griotizante*” (PADILHA, 2007, p. 175, grifo da autora). Todavia, tais elementos literários também se vinculam à presença do *insólito* na literatura e arte atuais, como verifica Jurema de Oliveira:

“A base onde repousam os pressupostos teóricos da tendência da arte atual reside na falência temporária dos movimentos políticos concomitantemente de massa, de centro e daqueles de vanguarda. Desta forma, as imagens sóltas estão desfeitas. O desequilíbrio da sociedade, do mundo real repercute, em consequência, na literatura e na arte em geral. As experiências não sóltas, anormais, incomuns da esfera pública tornam-se eventos para a esfera artística e encontra, na configuração poética, o espaço profícuo para a representação do insólito banalizado na vida diária.” (OLIVEIRA, 2009, p. 20).

Partindo do contexto que sofreu mais de um século de violência física e simbólica exercida pelo empreendimento colonialista da segunda fase do capitalismo industrial, sucedidos pela guerra anticolonial e pela infundável guerra civil, o autor encontrará na literatura uma forma não apenas de unir a tradição ancestral e lúdica vitimada, como também encontrará no *insólito* a possibilidade de representar ficcionalmente ou até mesmo suspender, da maneira possível, a condição real e generalizada de violação, que o geógrafo Milton Santos caracterizará como *violência estrutural*, algo inerente ao processo de globalização:

A nosso ver, a violência estrutural resulta da presença e das manifestações conjuntas, nessa era da globalização, do dinheiro em estado puro, da competitividade em estado puro e da potência em estado puro, cuja associação conduz à emergência de novos totalitarismos e permite pensar que vivemos numa época de globalitarismo muito mais que de globalização (SANTOS, 2011, p. 55).



A opção de Mia Couto pela “suspensão” da realidade por via do onírico, que já está sugerido no próprio título da obra, *Terra Sonâmbula*, além de marca expressivamente o enredo da narrativa e as falas das personagens, como observamos em *Kindzu* – “Nem sei pai. Escrevo conforme vou sonhando” (COUTO, 2007, p. 182) – e nas epígrafes que fazem referência direta ao próprio texto (COUTO, 2007, p. 05):

*Se dizia daquela terra que era sonâmbula. Porque enquanto os homens dormiam, a terra se movia espaços e tempos afora. Quando despertavam, os habitantes olhavam o novo rosto da paisagem e sabiam que, naquela noite, eles tinham sido visitado pela fantasia do sonho.* (Crença dos habitantes de Matimati)

*O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro.* (Fala de Tuahir)

Filho de portugueses perseguidos e exilados pela ditadura salazarista em Portugal, Mia Couto nasce na cidade moçambicana de Beira no ano de 1955 e ainda muito jovem participou dos enfrentamentos bélicos anticoloniais como jornalista. Durante constituição do Estado nacional pela FRELIMO, chega a participar da delegação moçambicana a Cuba, ao lado do presidente Samora Machel (FONSECA; CURY, 2008) e do grupo que compõe o hino nacional moçambicano. Em diversas falas Mia Couto considera a condição de fronteira que é ser um escritor africano e branco, que utiliza a língua do colonizador para escrever literatura em um país cuja tradição cultural banto da oralidade é o maior traço.

Na escrita de Mia Couto, os discursos do autor confundem-se com as vozes da coletividade agredida pelas guerras. Se o autor é branco, filho de portugueses expulsos da terra natal, através de personagens pretos e pretas, nativos, assimilados ou não, mas que utilizam a língua desterritorializada do colonizador, o autor se reterritorializa, não como português, mas por via da ancestralidade moçambicana autóctone. No último sonho de *Kindzu*, no qual o *nganga*, feiticeiro da aldeia e guardador das tradições, é que conduz as multidões para a construção de um novo mundo, emerge também a voz de uma geração que sonhou a independência e construção de um Moçambique livre:

Foi então que vi avançar um enorme grupo de pessoas, pobres, embrulhadas me cascas e fiapos. Eram centenas de centenas. Foram-me enchendo o sono. À frente seguia o feiticeiro da minha aldeia. Envergava sarapilheira encardida, cujos farrapos poeiravam pelo chão. O adivinho olhou a terra como se dele dependesse o destino do universo. Pesava nos seus olhos a gravíssima decisão de criar um outro dia (COUTO, 2007, p. 200).

Terezinha Tabora Moreira afirma ser a ancestralidade, sobretudo por via da oralidade, uma “percepção cósmica e filosófica” presente nessas literaturas, tonando-se agentes de um movimento constante que une passado, presente e futuro:

No texto, voz e letra se combinam para formar um texto-corpo colocado em forma de ato e palavra em ligação íntima. Nele, os eventos se submetem a um processo contínuo de transformação e deslocamento. Nele, ainda, voz e

letra recriam esse que constitui um dos mais relevantes aspectos da visão de mundo africana: a ancestralidade (MOREIRA, 2005, p. 59).

No *Primeiro caderno de Kindzu*, Mia Couto alegoriza a ancestralidade através da família do jovem narrador. O pai, velho Taímo, homem simples, pescador, que sempre contava histórias para os filhos, histórias que “[...] faziam o nosso lugarzinho crescer até ficar maior que o mundo [...]” (COUTO, 2007, p. 15). Portador da tradição, “[...] Taímo recebia notícia do futuro por via dos antepassados. Dizia tantas previsões que nem havia tempo de provar nenhuma [...]” (COUTO, 2007, p. 16). Nesse encontro das tradições, costumes, interpretações de sonhos, narração de histórias que Taímo representa, emerge a figura tradicional do *griot*:

Na festa do prazer coletivo da narração oral, principalmente entre os grupos iletrados africanos, é pela voz do contador, do griot, que se põe a circular a carga simbólica da cultura autóctone, permitindo-se a sua manutenção e contribuindo-se para que esta mesma cultura possa resistir ao impacto daquela outra que lhe foi imposta pelo dominador branco-europeu e que tem na letra sua mais forte aliada [...] (PADILHA, 2007, p. 35).

Da boca de Taímo saíam também sabedorias tradicionais sobre a fartura: “[...] vida boa, aconselhava ele, é chupar manga sem descascar o fruto [...]” (COUTO, 2007, p. 15); sobre a morte “[...] seu conceito era de que a morte nos apanha deitados sobre a moleza de uma esteira. Leito dele era o puro chão, lugar onde a chuva também gosta de deitar [...]” (COUTO, 2007, p.16); e com a chegada da guerra, sobre a situação de miséria que se instaurava: “Todos nós afundávamos, menos meu pai. Ele saudava a nossa condição dizendo: a pobreza é a nossa maior defesa. [...] Quem não tem nada não chama inveja de ninguém. Melhor sentinela é não ter portas.” (COUTO, 2007, p. 17).

A utilização do provérbio no texto literário estabelece uma relação direta com saber comum, logo com a autoridade da tradição, uma vez que é a fala externa ao texto emitindo juízos de valor tradicionais em relação direta com o texto literário. Para Terezinha Taborda Moreira:

[...] o provérbio poderia atuar como elemento de ligação entre o texto e o extratexto. Como tal, o provérbio implicaria em uma instituição social, a qual, por sua vez, implica uma situação de enunciação convencionalmente definida: a função pragmática do provérbio [...] (MOREIRA, 2005, p. 115).

Essa literatura retrata ainda a força de uma tradição que ultrapassa as relações entre vivos, estando os mortos em constante interação direta com os vivos. Após a morte do velho Taímo e da desagregação familiar, quando Kindzu é impelido pelo desejo de abandonar seu lugar de origem, onde sua mãe ainda guarda os preceitos rituais do esposo falecido, Taímo aparece em sonho a Kindzu e o condena a ser assombrado por seu espírito caso saísse daquela terra, declarando-lhe inimizado. Ponto esse em que se revela a herança deixada a Kindzu por seu pai e cuja finalidade principal é a manutenção de uma corrente que visa a sobrevivência da própria tradição. A finalidade da jornada deve

sempre ser o retorno ao originário. Tal ideia está expressa como no diálogo de Kindzu com o fantasma de seu pai, cujo desfecho é:

- O que aprendeste debaixo da casca desse mundo?

- Eu quero voltar; estou cansado. Eu agora sei **quem és**, me ajude a voltar... (COUTO, 2007, p. 182, grifo nosso).

O vínculo de aprendizagem entre o novo e o velho é ininterrupto, como afirma Padilha: “O novo e o velho, juntos e interativamente articulados, eis uma vez mais reatualizada, no corpo do novo discurso, a imagem fundadora [...]” (COUTO, 2007, p. 179).

No ato invasivo de penetração da cultura europeia por meio do processo colonial, desqualifica-se as formas de comunicação e perpetuação histórica e cultural da “tradição oral” estabelecendo como crivo um referencial externo – a escrita – criando o “analfabeto” donde antes não havia e assim, um novo “fundamento para rebaixar o outro” (CALVET, 2011, p. 124). No âmbito das produções simbólicas,

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os ‘sistemas simbólicos’ cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) [...] (BOURDIEU, 2000, p. 11).

O simples fato de Kindzu dominar as letras já o aproximava de outro universo, o universo do dominador. A relação que se cria com essa dialética da dominação e a violência simbólica dela resultante se expressa no termo que o personagem Antoninho utiliza para tratar Kindzu, “patrão”, mesmo sendo ambos da mesma aldeia e tendo a mesma origem social. Antoninho guarda em si a tradição, o provérbio, e o ódio contra a violência da dominação que colocou seu povo em condição servil:

– *Não esqueças, patrão. A riqueza é como o sal: só serve para temperar.*

Patrão. Aquele moço teimava em chamar-me assim. Em sua boca aquele termo surgia como ofensa, um cuspe azedo. Mostrava que, apesar de meus modos assimilados, eu pertencia à sua raça. Um dia iria pagar por ter traído *essa condição* (COUTO, 2007, p. 109, grifo nosso).

Se o processo de assimilação da cultura colonial transborda o estamento dos *assimilados* atingindo, sobretudo as gerações mais jovens, como vimos anteriormente, é no diálogo entre o velho e o novo que a ancestralidade não se extingue, reafirmando-se, mesmo que remodelado:

O novo e o velho, juntos e interativamente articulados, eis uma vez mais reatualizada, do corpo do novo discurso, a imagem fundadora. Restabelece-se a antiga dialogia, mas com outras implicações ideológicas, como o momento de reconstrução exige. Já não é mais possível afirmar o velho pelo velho, acriticamente, pois este velho se faz também outro, pelo processo de transformação pelo qual o novo o recria, além de ser por ele moldado (PADILHA, 2007, p. 179).

Retornamos aqui à imagem agregadora e ancestral da contação de histórias ao redor de uma fogueira. Forma milenar pela qual *griots* transmitiram com sacralidade e autoridade centenas de anos de história do seu povo, tradições, *missossos* e manutenção da memória coletiva, mas que se vê reinventada pela realidade que se apresenta.

O menino Muidinga é quem conta as histórias ao ancião Tuahir, quando lê os cadernos de memórias e sonhos encontrados ao lado do corpo de seu autor, morto pelos bandos e pela guerra, mas que seguia vivo nos escritos, que Mia Couto compara a um mar onde se pode navegar em infinitas fantasias:

As ondas vão subindo a duna e rodeiam a canoa. A voz do miúdo quase não se escuta, abafada pelo quebrar das vagas. Tuahir está deitado, olhando a água chegar. Agora, já o barquinho balouça. Aos poucos se vai tornando leve como mulher ao sabor da carícia e se solta do colo da terra, já livre, navegável. Começa então a viagem de Tuahir para um mar cheio de infinitas fantasias. Nas ondas estão escritas mil estórias, dessas de embalar as crianças do mundo inteiro." (COUTO, 2007, p. 196).

*Terra Sonâmbula* aponta para o passado e o futuro de seu país, que, no contexto de escrita da obra literária em questão, vivia os últimos dias da guerra civil que se arrastou por duas décadas. A água, substância que torna possível a vida, dá lugar à terra devastada pela morte. O mar, que banha a terra moçambicana e une esta à Europa do colonizador, à Ásia dos imigrantes, às Américas livres do imaginário do autor.

## CONCLUSÃO

Observamos, portanto, que as literaturas dos países africanos de língua portuguesa surgida em meados do século XX e cuja consolidação nas décadas seguintes é de notável percepção e reconhecimento a nível internacional, constituem campo fértil para exploração historiográfica interdisciplinar, uma vez que estabelecem constante diálogo com seus antecedentes históricos, criando no discurso literário, um discurso histórico, político e coletivo, estabelecendo constante diálogo entre ancestralidade e contemporaneidade, como observamos no romance *Terra Sonâmbula*.

Em uma temática cujos estudos e reflexões vem sendo ampliados em esforços conjuntos de pesquisadores oriundos de diversos países de língua portuguesa e, portanto, no qual Brasil e Moçambique estão envolvidos em constantes trocas e desenvolvimento de laços políticos, culturais e acadêmicos movidos pelas relações históricas do passado colonial, escravidão e herança linguística e cultural lusitana que se manifestam de diversas maneiras em mimetizações que compõem nossas respectivas culturas nacionais

Dessa maneira damos um passo rumo a novas óticas sociais e ampliamos nossas percepções históricas e existenciais por via de um conhecimento e de uma linguagem na qual ao ato solitário de produção e propagação do conhecimento pela via escrita-leitura, cruza-se com via dialógica, na qual a vivência e a relação direta com a alteridade ocupam

lugar de primazia.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz (Portugal). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CALVET, Luis-Jean. **Tradição oral & tradição escrita**. Tradução de Waldemar Ferreira Netto e Maressa de Freitas Vieira. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. Romance. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **E se Obama fosse africano?**: e outras interinvenções. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.

FONSECA, Maria Nazareth S.; CURY, Maria Zilda F. **Mia Couto**: espaços ficcionais. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MEMMI, Alberto. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MOREIRA, Terezinha Taborda. **O vão da voz**: a metamorfose do narrador na ficção moçambicana. Belo Horizonte: Editora PUCMinas; Edições Horta Grande Ltda., 2005.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. **Política linguística e internacionalização**: a língua portuguesa no mundo globalizado do século XXI. Trabalhos em linguística aplicada, v. 52, p. 409-433, 2013.

OLIVEIRA, Jurema J. de. **Violência e Violação**: uma leitura triangular do autoritarismo em três narrativas contemporâneas luso-afro-brasileiras. Luanda: União dos Escritores Angolano / UEA, 2006.

\_\_\_\_\_. **No limite entre a memória e a história**: a poesia. Luanda: União dos Escritores Angolano / UEA, 2009.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra**: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2011.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise textual dos discursos 39, 40, 42, 43, 44, 45, 49, 50

### B

Bolsonaro 39, 40, 41, 46, 47, 48, 49, 50

Brasil 1, 2, 5, 8, 10, 15, 17, 25, 26, 27, 29, 34, 35, 36, 38, 40, 42, 47, 48, 49, 52, 56, 59, 62, 63, 66, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 91, 93, 98, 100, 140

### C

Carta 27, 28, 29, 30, 31, 32, 35, 36, 37, 148, 149

Cultura 4, 18, 23, 24, 32, 35, 38, 62, 64, 65, 67, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 95, 96

### D

Decolonialidade 75, 77, 78

### E

Erasmus 33, 34, 35, 36, 37, 38

### F

Fake news 40, 47, 48, 49

Figura 23, 34, 35, 43, 45, 57, 58, 96, 101, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 118, 119, 120, 121, 126, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 136, 137

França 94, 97, 100, 104, 143, 149

### G

Gilberto Gil 75, 76, 77, 78, 80, 83, 84, 85, 86

### I

Identidade negra 75, 79, 82, 84

Imigrantes 25, 62, 63, 64, 73

Interdição 87, 88, 89, 90, 92, 127

### J

John Bunyan 140, 141, 142, 144, 148, 151, 152

Jorge de Souza Araújo 15

Jornal 8, 10, 11, 19, 127, 129, 135, 136, 138

José de Alencar 33, 34, 36, 37, 38

## L

Letramento 63, 64, 65, 70, 72, 73, 74

Literatura 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 26, 28, 29, 31, 32, 38, 61, 83, 84, 97, 100, 104, 105, 115, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 128, 130, 132, 138, 139, 141, 152, 154

Louvet de Couvray 94, 98, 99, 100

## M

Manchete 87, 88, 90

Martins Pena 94, 98, 99, 101, 103

Metodologia 50, 55, 60, 62, 64, 72, 154

Mia Couto 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 25, 26, 80, 86

Moçambique 17, 22, 25

Moral 5, 7, 10, 83, 95, 102, 143, 147

## N

Narrador 19, 23, 26, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 137, 138, 139

## P

Paródia 140, 143, 145, 146, 148, 150, 152

Pero Vaz de Caminha 27, 28, 32

Personagem 19, 24, 30, 96, 97, 99, 101, 102, 105, 107, 111, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 129, 135, 140, 145, 147, 148, 150

Política 2, 5, 6, 7, 11, 19, 24, 26, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 48, 50, 52, 53, 56, 78, 87, 90, 94, 95, 96, 98, 139, 145

Pragmática 23, 52, 53, 54, 55, 60, 61

## R

Refugiados 62, 63, 64, 72, 73, 74

Religião 80, 95, 98, 142

Representações discursivas 39, 40, 41, 46, 49, 50, 51

Roland Barthes 105, 117, 120, 121

Ruptura 18, 19, 77, 94

## S

Semiótica 52, 53, 54, 55, 59, 60, 61

Sexo 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102

Sociedade 1, 3, 4, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 21, 29, 50, 62, 78, 82, 85, 95, 97, 98, 101,

102, 146, 150, 152

## **T**

Teatro 8, 38, 103, 116, 128, 135, 136

Travestismo 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102

Tropicália 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86

## **V**

Valêncio Xavier 122, 123, 135, 139



🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

**Atena**  
Editora  
Ano 2022

# LETRAS, política & sociedade



🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

Atena  
Editora  
Ano 2022

# LETRAS, política & sociedade

